

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

ENTRE TOPÓNIMOS E LENDAS. EXPLICAÇÕES DAS SOCIEDADES RURAIS PARA O FENÓMENO PODOMÓRFICO DO NORDESTE DE TRÁS-OS-MONTES

José Moreira¹

RESUMO

É objetivo deste texto apresentar uma síntese sobre topónimos e crenças associados a lugares com podomorfos, no nordeste transmontano. A finalidade é perceber a relação entre as memórias populares e estes lugares e de que modo tal análise poderá contribuir para o melhor entendimento deste fenómeno do passado. O estudo foi realizado através de consulta documental e trabalho de campo. Os dados foram trabalhados de forma comparativa e relacional. Do conjunto dos 19 afloramentos inventariados, 14 têm nomes próprios e oito têm crenças associadas. Verifica-se que estas crenças se inserem, maioritariamente, no âmbito do cristianismo e, raras vezes, no âmbito de acontecimentos históricos, de forma deformada.

Palavras-chave: Nordeste transmontano; Podomorfos; Topónimos; Crenças populares; Significados.

ABSTRACT

The purpose of this text is to present a synthesis on toponyms and beliefs associated with places with podomorphs, in the transmontan northeast. The purpose is to understand the relationship between popular memories and these places and how such analysis may contribute to the better understanding of this phenomenon of the past. The study was carried out through documental consultation and fieldwork. The data was worked in a comparative and relational way. From the set of 19 inventoried outcrops, 14 have proper names and eight have associated beliefs. These beliefs are mostly within the framework of Christianity and, rarely, within the framework of historical events, in a deformed form.

Keywords: Transmontan northeast; Podomorphs; Toponyms; Popular beliefs; Meanings.

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, propomos apresentar uma síntese sobre topónimos e crenças populares, associadas a lugares com gravuras de podomorfos, no nordeste de Trás-os-Montes. A gravação de motivos rupestres em afloramentos rochosos, sejam quais forem os seus significados originais, provoca uma alteração física dos mesmos, deixando uma marca que permanece no tempo e no espaço, por vários milénios. Assim sendo, tornam-se marcos distinguíveis e distintivos na paisagem e na memória coletiva das gentes de determinada região. Olhando à inata necessidade humana de atribuir um sentido ao desconhecido, neste

caso, aos “sinais” marcados nas rochas, as populações rurais atribuíram topónimos e lendas a alguns destes sítios ou gravuras, dotando-os de significados e significância, em conformidade com o mundo socioideológico em que se integram.

1.1. Topónimo

O termo topónimo advém das palavras gregas *tópos* (lugar) e *ónyma* (nome) (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa), ou seja, significa “nome de lugar”. Considera-se topónimo um nome dado a uma cidade, rua, curso de água, afloramento rochoso ou qualquer outro elemento paisagístico e geográfico. A toponímia começa por ser estudada no final do sé-

1. Bolseiro de Doutoramento da FCT, no Departamento de História da Universidade do Minho, Braga (ref. 2020.04732.BD) / josemaimoreira@outlook.com

culo XIX, em França, por Auguste Longon, que, já no século XX, vê o seu trabalho ser continuado por Albert Dauzat (Dick 1990). Se, no início, é compreendida, somente, como o “estudo da origem e do significado etimológico dos nomes de lugares”, com o desenrolar do tempo percebe-se que a amplitude de saberes científicos era muito maior (Velasco e Tavares 2017: 18). Além da origem, etimologia e estrutura formal dos topónimos, também a história e cultura de determinada região, “os aspetos físicos e geográficos, as pretensões, os sentimentos e os valores do denominador”, devem ser tidos em conta no âmbito de estudos toponímicos (Velasco e Tavares 2017: 18). Trata-se, ainda, de um testemunho e arquivo de ideias, memórias e vivências, com grande conexão histórica (Dick 1996: 12; Faggion *et al.* 2013: 6).

A ação de atribuir um nome a um lugar ou a algum elemento paisagístico é, por si só, um reflexo e prova da importância que lhe é atribuída, como marco territorial, tornando-se esse topónimo num testemunho linguístico, sociocultural, e recetáculo das memórias coletivas das gentes locais. Segundo Fiti (2020: 5), o ato de atribuição de nomes relaciona-se com a necessidade que as comunidades humanas têm de planeamento e orientação. Na mesma senda, para Faggion e Misturini (2014: 14) “a localização espacial é inerente à vida humana. Saber onde se está, ou aonde se quer chegar, ou de onde se partiu, é, muitas vezes, um conhecimento importante, não raras vezes essencial à própria sobrevivência”. Não obstante o topónimo ter uma função referencial, “o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topónimo muito antigo, que vem atravessando gerações” (Seabra 2006: 1956). Porém, o topónimo mantém-se, apesar da “ausência do motivo determinante ou concorrente de sua formação” (Dick 1990: 42). “O topónimo não é algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete e refrata de perto a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo” (Andrade 2010: 213). Liga-se, intrinsecamente, com a memória coletiva de determinada população e com a sua consciência do passado (Faggion e Misturini 2014: 146). Trata-se, assim, de um “verdadeiro fóssil linguístico” (Dick 1990: 42).

A toponímia é, assim, uma disciplina multidisciplinar, que se auxilia de tantas outras, por forma a alcançar os seus objetivos – o estudo, compreensão e

registo do maior número possível de informações relevantes, contidas nos topónimos. Desta forma, costuma dividir-se em subgrupos, como, por exemplo, antropotoponímia, arqueotoponímia, etnotoponímia, fitotoponímia, geotoponímia, hagiotoponímia, litotoponímia e zootoponímia, segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (GEPB). A toponímia, também, fornece dados que podem contribuir para os estudos das diferentes disciplinas científicas em que se apoia (antropologia, arqueologia, história, geografia, cartografia, botânica, zoologia, entre outras) (Dick 1990: 11, 19; Carvalhinhos 2003: 172-173; Andrade 2012: 205-206; Faggion e Misturini 2014: 143; Velasco e Tavares 2017: 18). A título de exemplo, é frequente analisar fontes históricas por forma a perceber topónimos geográficos. O mesmo acontece em áreas onde se registam padrões toponímicos que aludem a elementos da fauna e da flora que já não existem, assim como a topónimos que exprimem sentimentos ou ações, que poderão ser indicadores da forma de pensar ou agir das populações locais, em determinada época (Velasco e Tavares 2017: 19). Assim sendo,

(...) os topónimos são sinais importantes, indicadores da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topónimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos (Faggion *et al.* 2008: 278).

As comunidades, a cada geração, absorvem, conservam, modificam e ampliam saberes e valores dos seus precedentes, enriquecendo esse acervo e transmitindo-o aos vindouros, quer pela toponímia, quer por outras formas de tradição oral, como as lendas e os mitos. Desta forma, “as sociedades dão continuidade às experiências dos antepassados aumentando, a cada ciclo, a herança cultural da humanidade” (Klacewicz 2009: 9).

1.2. Lenda

Uma lenda é uma “narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados, pela imaginação popular ou pela imaginação poética” (Pereira 2001: 8). Ou, ainda, um

(...) episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, trans-

mitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. (...) Conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. (...) Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função de confronto. (Cascudo 1976: 348).

Segundo Bayard (2002: 10), a palavra *lenda* vem do latim *legenda*, que significa *o que deve ser lido*. “No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (...). Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se” (Bayard 2002: 10). Incorporadas nas tradições, as lendas tornaram-se no resultado do “inconsciente da imaginação popular”, sendo as pretensões de determinada população expostas por meio de um herói, que, porém, se sujeita a dados históricos. O seu comportamento segue uma linha orientadora, tendo por objetivo encaminhar outros indivíduos para esta (Bayard 2002: 10).

1.3. Mito

Um mito – palavra advinda do grego *mytho*, que significa relato ou fábula – corresponde a uma

(...) narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Narrativas de significação simbólica, geralmente ligada à Cosmogonia e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e (ou) de aspectos da condição humana. Representação dos fatos ou personagens reais, exageradas pela imaginação popular, pela tradição (Pereira 2001: 8).

Para Bayard (2002: 11), “é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional”. Para Eliade (1972: 9), este “conta uma história sagrada; (...) relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’ (...). Narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir”.

Os mitos, enquanto símbolos, contêm uma mensagem ou informação apenas decifrável por alguns, conhecedores do seu significado, tenham eles um carácter universal, mais global, ou apenas regional. “(...) Porém, todos são expressões da necessidade humana de registar e transmitir uma descoberta, um conhecimento ou uma lição” (Pereira 2001: 11). O mito serve de elemento consolidador do grupo do qual resulta, servindo de base religiosa e respondendo à necessidade dos seus interlocutores de conhe-

cer e compreender o mundo ao seu redor, servindo, assim, como linha condutora de uma certa disciplina social (Sagrera 1967). São alegorias que as populações do passado utilizaram para “perpetuarem verdades e conhecimentos; expressar conceitos morais, filosóficos e religiosos; justificar princípios; servir de referência histórica e geográfica, etc.” (Pereira 2001: 18). Têm na sua génese – e incluídos em si – factos verídicos, mas que com o passar do tempo, devido à tradição oral, foram sendo modificados e abrilhantados pelos diferentes narradores, consoante a sua originalidade e imaginação, até restar apenas “uma ‘imagem’ da verdade, refletida num espelho embaçado” (Pereira 2001: 18).

1.4. Lenda ou Mito

Fazer a diferenciação entre lendas e mitos é muitas vezes uma tarefa intrincada e difícil, sendo dois conceitos que se relacionam, interlaçam e confundem. De forma simplificada,

(...) o conteúdo da lenda seria o real e do mito o sobrenatural; a lenda tem a História e a Geografia como aspectos, enquanto o mito tem a Religião e a Magia; e como personagens a primeira forma de narrativa tem seres humanos e a segunda, deuses, semideuses e heróis divinizados (Weitzel 1995 *apud* Klacwicz 2009: 13).

1.5. Objetivos e metodologias

Tendo por base estas considerações, os objetivos deste texto passam por apresentar uma síntese dos topónimos, lendas e mitos associados aos locais gravados com podomorfos no nordeste de Portugal. A sua finalidade é, também, perceber a relação entre estes lugares e as memórias populares. Tendo por base a premissa de que o imaginário popular poderá ser útil na interpretação da iconografia estudada, procura-se abrir novos entendimentos para este fenómeno rupestre. Este estudo insere-se e complementa um projeto de investigação mais alargado, focado nos podomorfos de todo o norte de Portugal, que se encontra atualmente em desenvolvimento². Metodologicamente, o trabalho assentou, primeiramente, na leitura e análise bibliográfica sobre o tema, com especial incidência na definição conceptual de topónimo, lenda e mito e da sua relevância

2. Podomorfos do Norte de Portugal no Contexto da Arte Pós-Paleolítica. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento, ref. 2020.04732.BD).

científica. Posteriormente, foi elaborado o inventário toponímico e de tradições orais associadas a lugares com podomorfos do nordeste português, com base na consulta bibliográfica e na inquirição livre da população residente nas proximidades das gravuras. Sempre que possível, procurou-se abordar várias pessoas sobre o mesmo sítio, por forma a poder efetuar-se o cruzamento da informação e perceber os dados mais constantes da história e os seus desvios. Os dados foram trabalhados de forma comparativa e relacional. Para tal, foram criadas tabelas, de forma a facilitar a análise da informação.

2. ÁREA DE ESTUDO: O NORDESTE DE TRÁS-OS-MONTES (BRAGANÇA)

Considera-se o nordeste transmontano como sendo o território correspondente ao distrito de Bragança, uma região determinada pelo clima e relevo contrastantes e expressivos.

Não existe uma unidade geomorfológica no nordeste transmontano, sendo distinguíveis, fundamentalmente, dois tipos de paisagem. A este, evidenciam-se três formas de relevo: superfície continua da Meseta Ibérica, cumes residuais e vales incisos (Pereira e Pereira 2020: 148). Para oeste, existe uma maior complexidade no que toca ao relevo “with the Meseta surface losing regularity and dome blocks reaching around 1000 m asl near the Vilariça fault” (Pereira e Pereira 2020: 148). Destaca-se a serra de Montesinho, a falha tectónica da Vilariça e o vale do Douro. A serra de Montesinho tem 1486 m de altitude máxima, sendo a montanha mais alta da região e um braço da cordilheira Cantábrica (Pereira e Pereira 2020: 141).

A falha da Vilariça (falha Bragança-Vilariça-Manteigas) estende-se por mais de 220 km e é um dos principais sistemas de falha de tendência NNE-SSO (Cabral *et al.* 2010; Perea *et al.* 2010; Cabral 2012; Pereira e Pereira 2020: 142).

Próximo da fronteira com Espanha, a principal característica do vale do Douro são o que se denomina “Arribas do Douro” (Pereira e Pereira 2020: 145). O vale do rio Douro é, aqui, do tipo canhão, com cerca de 600 m de profundidade e esculpe-se, fundamentalmente, no granito, na superfície bem preservada da Meseta Ibérica do Norte (Antón *et al.* 2012 *apud* Pereira e Pereira 2020: 145). Esta fração do rio, de perfil longitudinal, potenciava abundantes rápidos e cascatas, atualmente não visíveis devido

às barragens construídas, e liga o Douro Atlântico, mais antigo, e uma bacia endorreica anterior (Bacia Cenozoica do Douro), situada a este (Galve *et al.* 2020 *apud* Pereira e Pereira. 2020: 145-146).

Geomorfológicamente, o território é composto, principalmente, por rochas de origem granítica, mas também por metamórficas xistosas (Gomes e Ramos 2018: 19). Como consequência da evolução geodinâmica da região, existem várias nascentes de água mineral natural, que detêm “propriedades sulfúreas, gasocarbónica ou bicarbonadas sódicas” (Balsa e Teixeira 2018: 11). Estas águas são aproveitadas tanto para o termalismo, como para consumo, devido ao valor terapêutico que lhes é conferido (Balsa e Teixeira 2018: 12).

Os recursos minerais e mineiros foram explorados pelas comunidades desta região, existindo evidências da prática da mineração – essencialmente do ouro – no período Romano, como por exemplo, nas serras de França e Montesinho (Balsa e Teixeira 2018: 12). A prata, o estanho e o ferro são recursos que são, também, passíveis de exploração (Gomes e Ramos 2018: 24-52).

O clima, a paisagem e os solos no nordeste transmontano são heterogéneos, sendo que, nas altas montanhas, mais a norte, registam-se taxas de pluviosidade que podem ir até aos 1000/1200 mm e o clima é húmido, comparativamente aos vales do rio Douro, no extremo sul da região, em que a pluviosidade é bastante inferior (inferior a 400 mm) e o clima é mais seco (Ribeiro 1974). “No verão, as paisagens planálticas transmontanas que não tenham árvores apresentam-se secas” (Rebelo 2013: 95). No vale do Douro e nas depressões o clima é bastante distinto, enquadrando-se no temperado mediterrâneo, com baixa amplitude térmica (Rebelo 2013: 97). A paisagem do Alto Douro é caracterizada por terraços com muros de socalco, cultivados, sobretudo, com vinha, mas também com oliveira e amendoeira (Pereira e Pereira 2020: 146).

3. ESTUDO DA TOPONÍMIA E DAS CRENÇAS POPULARES ASSOCIADAS A AFLORAMENTOS GRAVADOS COM PODOMORFOS

Na região supramencionada foram inventariados 19 afloramentos com podomorfos gravados, descalços e calçados (Figura 1).

3.1. Toponímia

Entre estes, 14 são conhecidos por topónimos específicos (Figura 2 e Tabela 1).

Existem, ainda, sete topónimos associados à temática do pé (Alves 1934: 144, 619, 635, 636-637, 639, 658; Alves 1938: 823, 826; Reis 2001 CNS: 17301; Reis 2003 CNS: 18178; Pereira 2004 CNS: 19689; Pereira 2018 CNS: 19689), porém ligados a lugares confirmadamente sem podomorfos ou de localização desconhecida. São eles: a Fraga das Ferraduras e a Pegada da Senhora, em Bragança; o Lagar dos Mouros, em Mirandela; a Pedra do Sapato, em Carrazeda de Ansiães; a Pegada do Mouro, em Miranda do Douro; a Fraga da Ponte das Vinhas, em Vinhais, e a Fraga da Moura, no Mogadouro. Dois destes sítios têm, igualmente, lenda associada. Trata-se da Fraga das Ferraduras e da Pegada da Senhora.

A tabela número 1 indica-nos, desde logo, uma variedade de topónimos associados a estes lugares gravados, sendo frequente que o seu nome seja complexo e transmita informações de diversa natureza. Em primeiro lugar, regista-se o facto de 18 se agruparem na categoria da arqueotoponímia e relacionarem-se com a tipologia e dimensões dos motivos gravados, ou seja, os podomorfos, as covinhas e os motivos em forma de U, que, na linguagem popular, assumem a designação de pegada(s) (quatro casos), pata ou patinhas (dois casos), pé (dois casos), patada (um caso) ou ferraduras (um caso). Seis destes, referem-se a entidades malignas, malfeitoras ou com propriedades mágicas, contextualizadas no imaginário dos(as) “Mouros(as)”, certamente fruto de uma memória remanescente do processo de Reconquista e do preconceito religioso. Existem cinco que se inserem na geotoponímia e referem-se ao tipo de superfície onde as gravuras se encontram, nomeadamente a fraga. Quatro, atribuem a origem destes motivos a entidades cristãs (hagiotopónimos), como a Senhora ou Nossa Senhora. Por último, há um zootopónimo, a burrinha, associado a um geotopónimo, arqueotopónimo e hagiotopónimo – Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora.

O topónimo “Salvage” não se enquadra no padrão. É utilizado, primeiramente, por Lopo (1900: 16) e, posteriormente, por Alves (1938: 828). Terá a ver com a palavra inglesa *salvage*, que significa salvamento, recuperação ou resgate? Ou poderá ser um afrancesamento da palavra análoga francesa *sauvetage*?

3.2. Crenças Populares

Dos 19 afloramentos e lugares com podomorfos, oito

associam-se a crenças populares (Figura 3). Um destes destaca-se, devido a ter duas crenças associadas. Assim sendo, totalizam-se, nove lendas para oito lugares. Seis destas crenças assentam em temáticas cristãs, duas relacionam-se com os “Mouros” e uma com os catelhanos (Tabela 2).

A análise desta tabela revela três distintos grupos de crenças populares, sendo elas relacionadas com: entidades gravadoras, partes anatómicas gravadas e poderes mágico-religiosos das gravuras.

As crenças dão uma explicação para a entidade gravadora em todas as nove lendas inventariadas. Percebe-se um padrão recorrente, existindo seis casos em que as entidades gravadoras são de origem bíblica, como a Nossa Senhora (e sua burrinha), o Nosso Senhor, o Menino Jesus e São José. São eles: a Pegada da Senhora (Senhora), a Fraga da Senhora (burrinha), São Gregório (Senhor), Rodela (Senhora, Menino Jesus e São José), a Pegada de Nossa Senhora (Senhora) e a Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora (Senhora). Em dois casos, as entidades gravadoras foram “Mouros”. São eles: a Patada do Mouro e a Pata do Mouro. Em outro, foi um castelhano (Pegada de Nossa Senhora). As partes anatómicas gravadas, sendo estas pés (de entidades bíblicas, dos “Mouros” e do castelhano), e ferraduras de animais (da burrinha de Nossa Senhora), também, são sempre explicadas. Os exemplos são: Pegada da Senhora (pé), Fraga da Senhora (ferraduras), Patada do Mouro (pé), Pata do Mouro (pé), São Gregório (pés), Rodela (pés), Pegada de Nossa Senhora (pés) e Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora (pés e ferraduras). Os poderes mágico-religiosos das gravuras são referidos apenas uma vez. Estão associados à Pegada de Nossa Senhora, como marca/efeito do “voto feito pelos moradores [de Aldeia Nova] às Almas do Purgatório nas guerras de 1710” (Alves 1934: 611-612), com vista à expulsão dos castelhanos, sendo a pegada atribuída a um deles, aquando da sua fuga.

3.2.1. Inventário das crenças populares

Quanto à Pegada da Senhora, Alves (1938: 63) conta que “o povo diz ser a Pegada da Senhora ao passar por ali quando fugia para o Egipto ou à perseguição israelita”; na Fraga da Senhora, Alves (1934: 648) fala em três ferraduras “da burrinha de Nossa Senhora, quando ali passou na fuga para o Egipto, segundo diz o povo”; na Patada do Mouro, “estava gravada a figura de um pé humano, impressa por um mouro, quando ia a fugir na ocasião de serem expulsos destes

sítios” (Alves 1934: 642); no que se refere à Pata do Mouro, Alves (1934: 569) afirma que se trata da “pegada de um mouro no acto de fugir, estendendo dali um pé à Pena Furcada, já em Espanha, distante mais 3km”; quanto a São Gregório, Mário Reis (2004) diz que os podomorfos são considerados como pertencentes a Nosso Senhor; para a Rodela, Alves (1934: 628), referindo-se às “pegadas”, afirma: “diz o povo ser a maior de S. José, a seguinte de Nossa Senhora e a outra do Menino Jesus, ali deixadas na fuga para o Egipto.” Esta crença popular foi confirmada pela população que inquirimos. Uma gravura indefinida aqui existente é considerada um pé de menores dimensões, associado ao Menino Jesus; na Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora/Carriça, “o povo (...) diz que as insculpturas são pegadas da senhora e ferraduras da burrinha postas do avesso, pois assim ela ia ferrada para desorientar os judeus que a perseguiam na fuga para o Egipto.” (Alves: 1934: 661); já quanto à Pegada de Nossa Senhora, a lenda “(...) vai-se modificando, pois já alguns dizem que é de um castelhano ao ver-se obrigado a retroceder na invasão e saque de Aldeia Nova em consequência do voto feito pelos moradores às Almas do Purgatório nas guerras de 1710.” (Alves 1934: 611-612).

De notar que todas as crenças são muito simples, explanadas em poucas frases. A explicação para tal pode atribuir-se à não conservação dos saberes antigos por parte das novas gerações, chegando à contemporaneidade de forma sintetizada, ou relacionar-se com a vontade, por parte das populações rurais, de “apenas” atribuir uma explicação simples e fácil de compreender para um fenómeno desconhecido. Qualquer que seja a explicação, a atribuição de uma lenda a algo desconhecido é uma forma de apropriação e de integração do passado, dentro do quadro ideológico de determinada população.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

4.1. Toponímia

Tendo em conta o alto número de lugares gravados com podomorfos providos de topónimos (74%), pode considerar-se que muitos deles se mantiveram ativos e significantes no contexto da vida diária das populações rurais. As razões para tal terão de ser investigadas em futuros trabalhos, extensíveis a todo o norte de Portugal, embora tal possa, eventualmente, relacionar-se com a sua proximidade a caminhos,

encruzilhadas e lugares de habitação e de desenvolvimento de atividades de subsistência.

De facto, verifica-se que 12 (86%) dos casos de estudo são de fácil acesso (sendo dois indeterminados). Pelo menos cinco, localizam-se nas imediações de caminhos antigos e quatro de cruzamentos (Tabela 3).

Estudando a toponímia o nome dos lugares, então é importante referir que as informações prestadas, através da sua análise, são muito variadas e complementares, dado a existência de geotopónimos, arqueotopónimos, hagiotoopónimos e zootopónimos, em diferentes conjugações.

Os geotopónimos, além das referências aos tipos de superfícies gravadas, indicam que estes locais correspondem a afloramentos que se destacam por serem “grandes pedras ou pedras muito grandes”, sinónimos de Penedos ou Fragas, no Grande Dicionário da Língua Portuguesa (Machado 1991 vol. III: 139, vol. IV: 636). É, também, perceptível a importância da arqueotoponímia e da zootoponímia, que caracterizam os motivos gravados (pegada(s), patada, pata, pé, patinhas) – os elementos mais distintivos destes lugares, para as populações. Neste sentido, é interessante notar o uso do diminutivo para expressar a dimensão reduzida de alguns destes motivos. Trata-se, na maioria dos casos, de covinhas, frequentes na Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora. O uso da hagiotoponímia é signifiante, revelando que as comunidades rurais, desconhecendo os autores que gravaram os podomorfos, sentiram necessidade de os integrar no seu universo ideológico, pautado pelo Cristianismo, nomeadamente pelo Catolicismo. A antiguidade destes topónimos será alvo de trabalho futuro, através da consulta de fontes históricas.

No conjunto de afloramentos com podomorfos que foram cristianizados pela toponímia, verifica-se, ainda, o reforço dessa mensagem através de outros motivos gravados, como cruzeiros e cruzeiros (Fraga da Pegada 1, em Macedo de Cavaleiros) e da colocação de uma cruz de cimento sobre a Pegada da Senhora, em Bragança.

4.2. Crenças populares

Os lugares gravados com crenças associadas são menos do que aqueles que têm nomes. Estes correspondem, apenas, a 42% do total de casos conhecidos com gravuras podomórficas. Os motivos para tal poderão ser vários: pouca importância dos lugares na geografia das populações mais próximas; esquecimento das crenças por parte das gerações mais novas; ou

a convicção de que o topónimo era suficientemente explicativo do seu significado. A Pegada da Senhora, a Fraga da Senhora, a Patada do Mouro, a Pata do Mouro, a Pegada de Nossa Senhora e a Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora têm, igualmente, nome próprio, o que reforça o grande significado que estes afloramentos tiveram na paisagem das comunidades tradicionais.

Relativamente às acessibilidades naturais ou antigas destes lugares, verifica-se que sete (87,5%) são de fácil acesso (sendo um indeterminado). É possível que os afloramentos gravados, associados a crenças, se possam relacionar com o facto de estarem próximos de santuários, na proximidade de caminhos ou de encruzilhadas (Tabela 4).

Quanto às temáticas, sete exprimem movimento através de atos de passagem, perseguição e fuga e todas elas implicam a importância da marcação do lugar ou do afloramento, através do pé, sendo esta ação milagrosa, em um dos dois casos da Pegada de Nossa Senhora. Quanto aos protagonistas, estes podem subdividir-se em dois grupos: os que se relacionam com personagens relatadas em acontecimentos bíblicos (seis casos) e os não cristãos (três casos) (Tabela 5). As personagens do primeiro grupo são: Nossa Senhora; Judeu(s); Burra (da Senhora); Nosso Senhor; São José e o Menino Jesus. No segundo grupo inserem-se: os “Mouros”, o castelhano e o Povo. Como se pode verificar, há uma grande multiplicidade de personagens, apesar de haver uma clara tendência para explicar as pegadas através de um olhar religioso.

As crenças populares traduzem o “inconsciente da imaginação popular” (Bayard 2002: 10) e podem resultar em explicações de acontecimentos marcantes, muitas vezes hiperbolizados e munidos de um carácter fabuloso que lhes é acrescentado, por forma a vincar e vincular a ideia, acontecimento ou valor moral pretendido. Podem, ainda, servir de alegoria explicativa de determinado acontecimento, ação, objeto, entre outros, por forma a dar sentido, à luz dos valores e princípios regentes à época, a algo que é desconhecido e carece de explicação, por parte de determinada população.

Posto isto, verifica-se que as personagens destas crenças se inserem quer dentro do paradigma religioso maioritário das populações rurais (o cristianismo, na forma do catolicismo), quer, ainda que de forma deturpada e enviesada, no âmbito de acontecimentos tão marcantes como a Reconquista da Península aos muçulmanos ou “Mouros”, sobre os

quais as populações rurais do Norte tinham pouco conhecimento, atribuindo-lhes, por vezes, poderes mágicos ou diabólicos³. Uma das crenças relaciona-se, ainda, com a Guerra de Sucessão Espanhola, ocorrido no início do século XVIII.

A grande maioria das crenças (seis, em nove casos) exprime a cristianização dos lugares gravados, das gravuras ou do ato de gravar, tendo como pano de fundo temáticas e personagens de inspiração bíblica. Importa referir que a Pegada da Senhora também foi cristianizada fisicamente, com a colocação de uma cruz sobre o afloramento gravado, que tem dimensões consideráveis e é visível a vários metros de distância. Tal, reflete a grande importância do afloramento, das gravuras e da santidade que lhes é associada.

Tais circunstâncias e factos são perfeitamente compreensíveis numa sociedade profundamente catolicizada, onde a religião servia de resposta para o desconhecido e como linha diretora de vida quotidiana. A explicação dos podomorfos, dentro da cosmovisão das populações rurais do nordeste de Portugal, confere, ainda, a estes motivos rupestres, uma identidade benigna, que integra e facilita a convivência das populações com estes lugares do passado.

Olhando à circunstância de que quase todas as crenças populares, transmitidas por tradição oral e anónimas, abordam personagens bíblicas, embora os seus factos históricos ou histórias de vida, estejam, por vezes, descontextualizadas ou deformadas pela imaginação popular, estas devem enquadrar-se na categoria de lendas, segundo a conceção de Pereira (2001: 8), entre outros autores.

No caso das crenças populares sobre “Mouros” – ainda que alguns tenham existido historicamente –, a narrativa que sobre eles se conta, da ordem do fantástico, não é localizável no tempo e no espaço. Porém, enquadra-se, ainda assim, no conceito de lenda, segundo os autores anteriormente citados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em trabalhos anteriores colocou-se a hipótese de que estes afloramentos gravados seriam lugares que mar-

3. Os conceitos de “mouras” e “mouros” são alegorias do imaginário popular que representam seres mágicos e maléficos, com fundo na reconquista da Península Ibérica, por parte dos reis católicos, aos muçulmanos – diabolizando estes últimos, “os infiéis” ou hereges (Correia 2005).

cariam caminhos de peregrinação ou “santuários” onde se teriam realizado cultos associados a ritos de passagem, em grande parte relacionados com a passagem da idade infantil para a idade adulta. Os podomorfos de adultos foram considerados como podendo corresponder a indivíduos que acompanhavam os mais jovens, oficiavam cerimónias ou que faziam este tipo de viagem/peregrinação em idade mais tardia. Tal, baseou-se na diferenciação de podomorfos por afloramento e nas dimensões destes motivos. Considerou-se, ainda, com base na orientação dos podomorfos, que as cerimónias da gravação do pé ou a visitação destes lugares teria ocorrido, fundamentalmente, durante os meses de primavera e de verão, embora o momento do solstício de verão pareça ter sido a data preferencial (Moreira 2018; Moreira e Bettencourt 2019; Moreira e Bettencourt 2022). As interpretações de cariz popular associam os podomorfos, maioritariamente, ao movimento, através de atos de passagem, frequentemente de carácter religioso, traduzindo viagens ancestrais. Até que ponto traduzem resquícios da sua interpretação original? A resposta é difícil, mas é curiosa a permanência do carácter da viagem ou da passagem, inerente a várias crenças populares, bem como o sentido do sagrado, intrínseco a grande número dos topónimos e das crenças populares que chegaram até hoje, e a perduração da importância simbólica destes sítios do passado.

AGRADECIMENTOS

À FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) a bolsa de doutoramento atribuída e ao Lab2PT (Laboratório de Paisagens, Património e Território ref. UIDP/04509/2020) as verbas disponibilizadas para as deslocações de trabalho de campo.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco Manuel (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança: Arqueologia, Etnografia e Arte*. Porto: Tipografia da Empresa Guedes, Tomo IX.
- ALVES, Francisco Manuel (1938) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança: Arqueologia, Etnografia e Arte*. Porto: Tipografia da Empresa Guedes, Tomo X.
- ANDRADE, Karylleila (2010) – *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*. Atito. Goiânia, Goiás: PUC.
- ANDRADE, Karylleila (2012) – Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. *Revista Domínios de Linguagem*, 6(1): 205-225.
- ANTÓN, Loreto; RODÉS, Angel; DE VICENTE, Gerardo; PALLÀS, Raimon; GARCIA-CASTELLANOS, Daniel; STUART, Finlay M.; BRAUCHER, Régis e BOURLÈS, Didier (2012) – Quantification of fluvial incision in the Duero Basin (NW Iberia) from longitudinal profile analysis and terrestrial cosmogenic nuclide concentrations. *Geomorphology*, 165-166: 50-61.
- BALSA, Carlos; TEIXEIRA, João Alberto Sobrinho (2018) – *Recursos geológicos de Trás-os-Montes – Passado, presente e perspectivas futuras*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- BAYARD, Jean-Pierre (2002) – *História das lendas*. Trad. Jeanne Marillier. (1ª ed. São Paulo 1957). Edição Ridendo Castigat Mores.
- CABRAL, João (2012) – Neotectonics of mainland Portugal: state of the art and future perspectives. *Journal of Iberian Geology*, 38(1): 71-84.
- CABRAL, João; PEREA, Hector; FIGUEIREDO, Paula Marques; BESANA-OSTMAN, Glenda; SILVEIRA, António Brum da; CUNHA, Pedro Proença; GOMES, Alberto; LOPES, Fernando Carlos; PEREIRA, Diamantino; ROCKWELL, Thomas (2010) – Preliminary results of a paleoseismological study of the Vilariça fault (NE Portugal). *Resúmenes de la 1ª Reunión Ibérica sobre Fallas Activas y Paleosismología*. Sigüenza, Spain: 41-44.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus (2003) – Onomástica e lexicologia: O Léxico Toponímico como Catalisador e Fundo de Memória. Estudo de caso: Os Sociotopónimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, 56: 172-179.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1976) – *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: J. Olympio, INL.
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.
- DICK, Maria (1990) – *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado.
- DICK, Maria (1996) – *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo: 1554-1987*. São Paulo: Annablume.
- ELIADE, Mircea (1972) – *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A.
- FAGGION, Carmen Maria e MISTURINI, Bruno (2014) – Toponímia e Memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, 27(2): 141-157.
- FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle e FROSI, Vitalina (2008) – Topónimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. *Métis: história e cultura*, 7(13): 277-298.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno e DAL PIZZOL, Elis Viviana (2013) – Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. *Revista Entreletras*, 4(2): 10-30.
- FITI, Ernesto Milando (2020) – *Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para a sua Harmonização Gráfica*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas (Dissertação de Mestrado).

- GALVE, Jorge Pedro; PÉREZ-PEÑA, José Vicente; AZAÑÓN, José Miguel; PEREIRA, Diamantino; CUNHA, Pedro Proença; PEREIRA, Paulo; ORTUÑO, Maria; VIAPLANA-MUZAS, Marc; PRIETO, Francisco Javier García; REMONDO, Juan; JABALOY, António; BARDAJÍ, Teresa; SILVA, Pablo Gabriel; LARIO, Javier; ZAZO, Cari; GOY, José Luis; DABRIO, Cristino José e CABERO, Ana (2020) – “Active landscapes of Iberia”. In Cecilio Quesada; José Tomás Oliveira (eds). *The geology of Iberia: a geodynamic approach*, Vol. 5: Active Processes: Seismicity, Active Faulting and Relief. Springer: 77-124.
- GOMES, Maria Elisa Preto e RAMOS, João Manuel Farinha (2018) – “Recursos minerais de Trás-os-Montes e Alto Douro”. In Balsa, Carlos e SOBRINHO, João (eds.). *Recursos geológicos de Trás-os-Montes – Passado, presente e perspectivas futuras*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança: 17-56.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s/d). Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.
- KLACEWICZ, Ana Carolina (2009) – *Lendas, mitos e história: estudo sobre as narrativas polonesas e gregas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LOPO, Albino dos Santos Pereira (1900) – O castro do Lombeiro de Maqueiros em Gondesende (Bragança). In *O Arqueólogo Português*, 1(5): 14-17.
- MACHADO, José Pedro (coord.) (1991) – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vols. III e IV. Lisboa: Alfa, S.A / Círculo dos Leitores.
- MOREIRA, José (2018) – *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- MOREIRA, José e BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos (2019) – Depictions of Shoeprints in Northwest Portugal. *Heritage*, 2: 39-55.
- MOREIRA, José e BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos (2022) – “Footprints and shoeprints, celestial cults and pilgrimages in the Bronze Age of Northwestern Iberia”. In POLKOWSKI, Pawel; FÖRSTER, Frank (eds.). *Rock Art in the Landscape of Motion. British Archaeological Reports*. BAR, Oxford: BAR Publishing: 153-162.
- PARAFITA, Alexandre (2005) – *Mouros míticos em Trás-os-Montes: contributos para um estudo dos mouros no imaginário rural a partir de textos da literatura popular de tradição oral*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Tese de doutoramento).
- PEREA, Hector; CABRAL, João; MARQUES FIGUEIREDO, Paula; BESANOVA-OSTMAN, Glenda; BRUM DA SILVEIRA, António; CUNHA, Pedro Proença; GOMES, Alberto; LOPES, Fernando Carlos; PEREIRA, Diamantino; ROCKWELL, Thomas (2010) – Actividade sísmica quaternária da falha da Vilariça (NE Portugal): Resultados preliminares de um estudo paleossismológico. *GEOPOR: Revista Eletrónica de Ciências da Terra*, 11(6): 1-4.
- PEREIRA, António Luís (2004) – Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros. Relatório entregue à tutela, parcialmente disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>.
- PEREIRA, António Luís (2018) – Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros. Relatório entregue à tutela, parcialmente disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>.
- PEREIRA, Diamantino Insua; PEREIRA, Paulo (2020) – “The Geomorphological Landscape of Trás-os-Montes and Alto Douro”. In MIGON, Piotr. (eds.). *World Geomorphological Landscapes*. Suíça: Springer Nature: 139-149.
- PEREIRA, Diamantino Insua; PEREIRA, Paulo; BRILHA, José; CUNHA, Pedro (2015) – The Iberian Massif Landscape and Fluvial Network in Portugal: a geoheritage inventory based on the scientific value. *Proceedings of the Geologists' Association*, 126(2): 252-265.
- PEREIRA, Franz Kreuther (2001) – *Painel de lendas e mitos da Amazônia*. Belém, Pará.
- REBELO, Fernando (2013) – *Portugal Geografia, paisagens e interdisciplinaridade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- REIS, Mário (2001) – Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros. Relatório entregue à tutela, parcialmente disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>
- REIS, Mário (2003) – Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros. Relatório entregue à tutela, parcialmente disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>
- REIS, Mário (2004) – Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros. Relatório entregue à tutela, parcialmente disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>
- RIBEIRO, António; KULLBERG, María Carla; KULLBERG, José Carlos; MANUPPELLA, Giuseppe; PHIPPS, Stephen (1990) – A review of Alpine tectonics in Portugal: foreland detachment in basement and cover rocks. *Tectonophysics*, 184: 357-366.
- RIBEIRO, Orlando (1945) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: estudo geográfico*. Coimbra: Coimbra Editora.
- RIBEIRO, Orlando (1974) – Contribution à l'étude tectonique de Trás-os-Montes oriental. Lisboa: *Memórias do Serviço Geológico de Portugal*, 24: 1-168.
- SAGRERA, Martín (1967) – *Mito y Sociedad*. Barcelona: Labor: 6-70.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (2006) – Referência e onomástica. Múltiplas perspectivas em linguística. *Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL: 1953-1960.
- VELASCO, Denise e TAVARES, Marilze (2017) – Estudando Língua Portuguesa, História e Geografia por Meio da Toponímia: uma Proposta. *ArReDia: Revista*, 6(11): 16-36.
- WEITZEL, Antônio Henrique (1995) – Folclore Literário e Lingüístico; pesquisas de literatura oral e de linguagem popular. Juiz de Fora: EDUFJF.

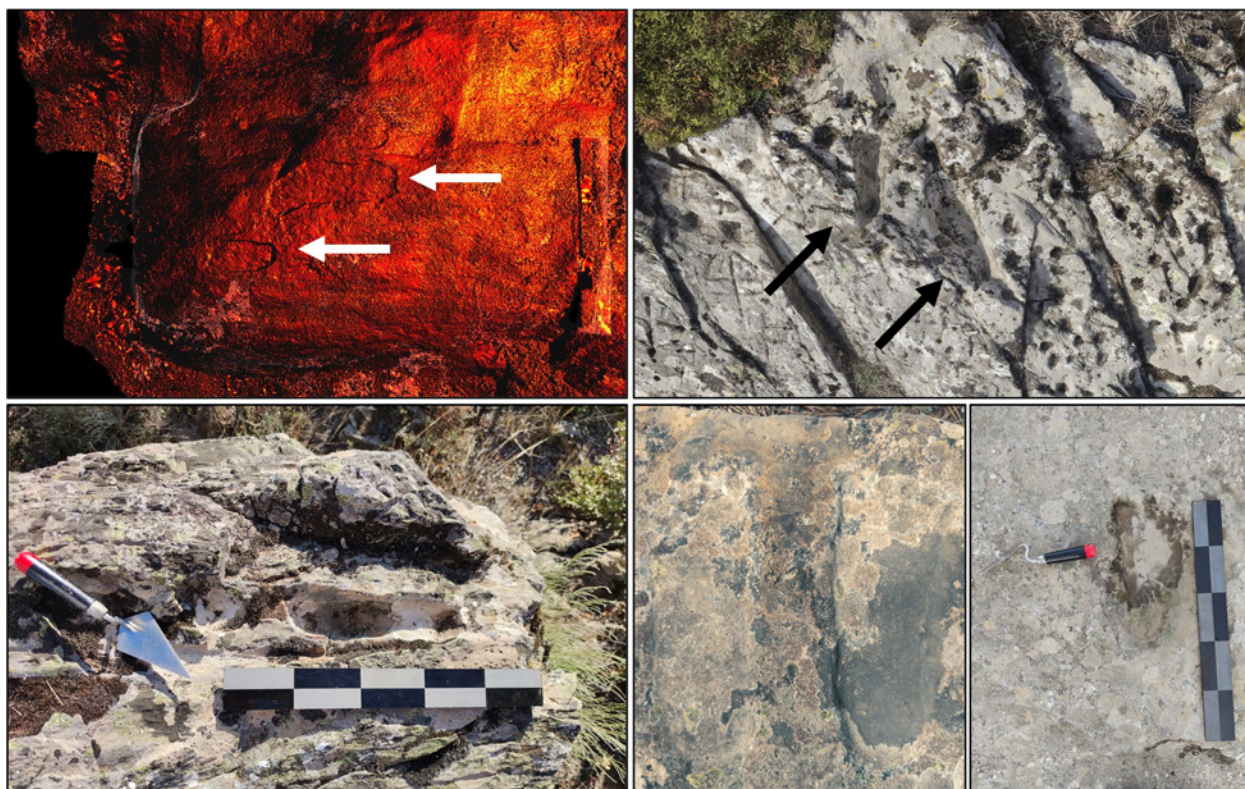


Figura 1 – Exemplo de alguns podomorfos com topónimos e/ou crenças associadas. Da esquerda para a direita: fotogrametria de Rodela, Miranda do Douro; fotogrametria de Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora, Vinhais; fotografia da Pegada da Senhora, Bragança; fotografia de São Gregório, Macedo de Cavaleiros; fotografia da Pegada do Mouro, Miranda do Douro.

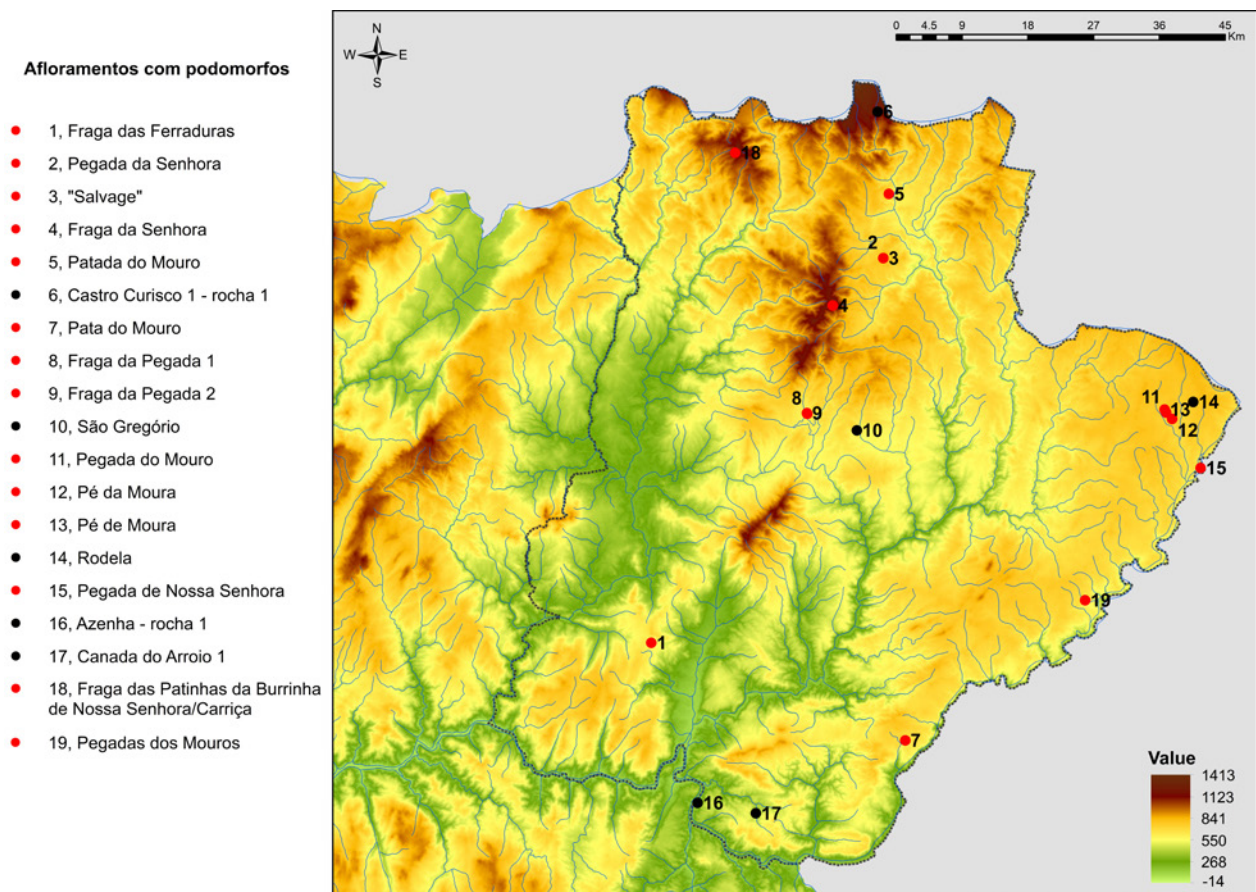


Figura 2 – Mapa dos afloramentos com podomorfos do nordeste de Portugal – os afloramentos com topónimo estão assinalados a vermelho.

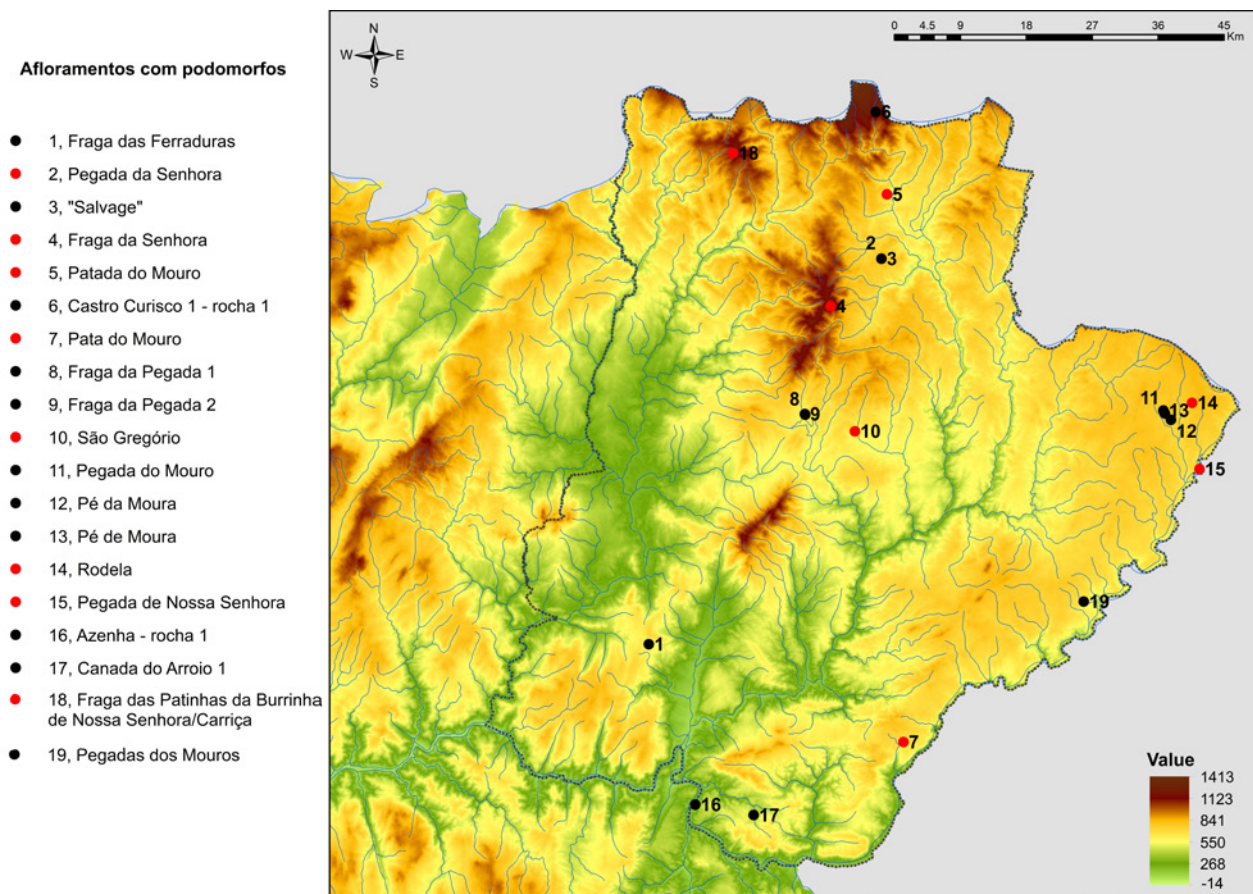


Figura 3 – Mapa dos afloramentos com podomorfos do nordeste de Portugal – os afloramentos com crenças populares associadas estão assinalados a vermelho.

Topónimo	Concelho	Sub-grupo toponímico
Fraga das Ferraduras	Alfandega da Fé	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Pegada da Senhora	Bragança	Arqueotopónimo / Hagiopónimo
"Salvage"	Bragança	Indeterminado
Fraga da Senhora	Bragança	Geotopónimo / Hagiopónimo
Patada do Mouro	Bragança	Arqueotopónimo
Pata do Mouro	Freixo de Espada à Cinta	Arqueotopónimo
Fraga da Pegada 1	Macedo de Cavaleiros	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Fraga da Pegada 2	Macedo de Cavaleiros	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Pegada do Mouro	Miranda do Douro	Arqueotopónimo
Pé da Moura (12)	Miranda do Douro	Arqueotopónimo
Pé da Moura (13)	Miranda do Douro	Arqueotopónimo
Pegada de Nossa Senhora	Miranda do Douro	Arqueotopónimo / Hagiopónimo
Pegadas dos Mouros	Mogadouro	Arqueotopónimo
Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora	Vinhais	Geotopónimo / Arqueotopónimo / Zootopónimo / Hagiopónimo

Tabela 1 – Topónimos de podomorfos ou de afloramentos com podomorfos.

Topónimo	Concelho	Grupo de crenças populares
Pegada da Senhora	Bragança	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Fraga da Senhora	Bragança	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Patada do Mouro	Bragança	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Pata do Mouro	Freixo de Espada à Cinta	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
São Gregório	Macedo de Cavaleiros	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Rodela	Miranda do Douro	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Pegada de Nossa Senhora	Miranda do Douro	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
		Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas / Poderes mágico-religiosos
Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora	Vinhais	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas

Tabela 2 – Crenças populares *versus* afloramentos com podomorfos.

Topónimo	Concelho	Acessibilidades
Fraga das Ferraduras	Alfandega da Fé	Fácil acesso / caminho antigo
Pegada da Senhora	Bragança	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
“Salvage”	Bragança	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Fraga da Senhora	Bragança	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Patada do Mouro	Bragança	–
Pata do Mouro	Freixo de Espada à Cinta	Fácil acesso / caminho antigo
Fraga da Pegada 1	Macedo de Cavaleiros	Fácil acesso
Fraga da Pegada 2	Macedo de Cavaleiros	Fácil acesso
Pegada do Mouro	Miranda do Douro	Fácil acesso / caminho antigo
Pé da Moura (12)	Miranda do Douro	Fácil acesso / caminho antigo
Pé da Moura (13)	Miranda do Douro	–
Pegada de Nossa Senhora	Miranda do Douro	Fácil acesso / castro
Pegadas dos Mouros	Mogadouro	Fácil acesso* / caminho antigo
Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora	Vinhais	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos

* Apenas para quem tem conhecimento prévio da existência das gravuras.

Tabela 3 – Acessibilidades e afloramentos com podomorfos providos de topónimo.

Topónimo	Concelho	Acessibilidades
Pegada da Senhora	Bragança	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Fraga da Senhora*	Bragança	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Patada do Mouro	Bragança	–
Pata do Mouro	Freixo de Espada à Cinta	Fácil acesso / caminho antigo
São Gregório	Macedo de Cavaleiros	Fácil acesso
Rodela	Miranda do Douro	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Pegada de Nossa Senhora**	Miranda do Douro	Fácil acesso / castro
Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora	Vinhais	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos

* Próximo ao santuário de Nossa Senhora da Serra.

** Próximo da capela de São João das Arribas.

Tabela 4 – Acessibilidades de afloramentos com podomorfos associados a crenças.

Topónimo	Temas	Personagens
Pegada da Senhora	Passagem / Fuga / Perseguição / Marcação do lugar através do pé	Nossa Senhora / Judeu
Fraga da Senhora	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Burra
Patada do Mouro	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Mouro
Pata do Mouro	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Mouro
São Gregório	Marcação do lugar através do pé	Nosso Senhor
Rodela	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	São José / Nossa Senhora / Menino Jesus
Pegada de Nossa Senhora	Marcação do lugar através do pé	Nossa Senhora
	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Castelhano / Povo
Fraga das Patinhas da Burrinha de Nossa Senhora	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Nossa Senhora / Burra / Judeus

Tabela 5 – Temáticas e personagens das crenças populares associadas a afloramentos com podomorfos.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UIC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**